ANTONIO DE SOUZA NETTO.

Lith. de J. Alves Leite.

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

TERCEIRO ANNO

AGOSTO

PORTO ALEGRE
IMPRENSA LITTERARIA
1874

ESBOÇO BIOGRAPHICO

O GENERAL ANTONIO DE SOUZA NETTO

I

O Rio Grande do Sul é, por sua posição topographica e pelo ardor de seus filhos, a provincia mais guerreira do Brazil.

Rodeada das republicas platinas, esta provincia tem visto mais de uma vez, mesmo á sombra da paz, invadidas as suas fronteiras, e o fogo e o ferro levarem a destruição e a morte por toda a parte por onde passão.

Essas tropelias tem sido um desabafo de antigos odios que ainda existem entre as duas nacionalidades da Iberia, porém que não podem mais sobreviver na America, n'essa athmosphera purificadora, onde um sol esplendido implanta n'alma os mais nobres e generosos sentimentos.

O Rio Grande, pois, pela situação especial em que está collocado, tem sido o berço, a escola, o acampamento e a arena de combates dos mais gloriosos soldados da patria.

E póde-se sem exagero chamal-a a Sparta brazileira, sem que nenhuma outra provincia se abalance a reclamar semelhante titulo conquistado pela bravura, pelo heroismo e o mais acrysolado civismo de seus filhos.

O Rio Grande desde epochas bem remotas, tem sido sempre a guarda avançada do nosso exercito, e quando a honra da patria periga e exige em sacrificio o sangue de seus filhos para desaffrontal-a, os rio-grandenses correm pressurosos mal repercute e

marcial clarim na vastidão enorme das savanas natalicias.

E a patria não os chama em vão!

Na liça dos combates temos visto ahi os mais edificantes exemplos de abnegação e patriotismo, episodios homericos, tragedias sublimes, que a bravura e o heroismo escrevem em lettras de fogo em cada canto d'esta terra abençoada.

Ainda por occasião da cruenta guerra do Paraguay, o Rio Grande do Sul conquistou entre as suas irmãs o primeiro lugar de honra.

Basta rememorar a organisação do terceiro corpo de exercito: este facto é mais que sufficiente para retratar fielmente o caracter rio-grandense.

Quando a provincia já havia contribuido mais que nenhuma outra para a guerra do Paraguay, com a sua valorosa guarda nacional e batalhões de voluntarios, ainda um novo appello é feito pelo governo aos sentimentos patrioticos de seus filhos.

Ao simples aceno do laureado Herval surgem contingentes de todos os angulos da provincia; formão-se esquadrões, organisão-se regimentos e um exercito marcha alegre e cheio de enthusiasmo, guiado pela hastea de prata da lança gloriosa do heróe de 24 de Maio.

Era um exercito de bravos, que abandonavão o descanço, o lar, a familia e a fortuna para serem sacrificados nos altares da patria.

Mas o Rio Grande que tem collocado a patria commum acima de tudo, que tem lavado com seu sangue, com o suor e lagrimas as nodoas do auri-verde pavilhão, que não conhece impossiveis, nem teme a morte quando obedece aos santos impulsos dos seus nobres sentimentos, nada ou quasi nada tem merecido dos nossos governos.

E' uma filha bastarda, só lembrada como a pobre Iphygenia para derramar o seu sangue nas horas de agonias e do desespero da patria.

II

Vamos hoje escrever sobre a vida de um distincto rio-grandense a quem a morte arrebatou ainda cheio de vigor e de crenças.

Uma penna não rude, como a nossa, mas pollida pela experiencia e illustração competia-lhe a biographia do benemerito general Antonio de Souza Netto.

Se nos faltão porém os recursos do espirito, sobrão-nos a boa vontade e o perfeito conhecimento d'aquelle coração nobre, generoso e cheio de patriotismo que palpitava sempre ardente de enthusiasmo, quando ouvia os hymnos festivos annunciando as victorias da patria.

Poucas datas temos sobre sua vida, isto porem não nos demove do proposito em que estamos.

Nosso fim unicamente é tornar bem saliente as suas virtudes. Não é mais do que uma homenagem de respeito e admiração que lhe vamos prestar e ao mesmo tempo um bello exemplo de grandeza d'alma que legamos ás gerações do futuro para que busquem imital-o.

Almas grandes e generosas como a do illustre general rareião em cada geração que passão, e quando morrem deixão atraz de si uma esteira luminosa assignalando a sua passagem.

São creaturas privilegiadas!

Morrem, mas vivem eternamente no coração e na memoria de um povo.

III

Em 1835 quando o pavilhão tricolor da republica rio-grandense desfraldou-se ás auras da liberdade, á sua sombra vio-se o vulto sympathico de Souza Netto.

Foi n'esse drama augusto de liberdade e heroismo, de abnegação e de generosidade que se destacou em relevo o caracter do illustre rio-grandense.

Não foi o interesse, as ambições da gloria e de fortuna que o collocarão a frente da nobre reacção de Setembro.

Foi o patriotismo, as suas convicções e a justa indignação de que se possuira ao ver os desmandos a que estava condemnada a terra que lhe servira de berço.

Que mais glorias poderia almejar Souza Netto?!

Honrado, na primavera da vida, cheio de prestigio, e senhor de uma immensa fortuna que outras ambições poderia ter o illustre rio-grandense.

O amor ao torrão em que nascera, foi o unico movel que o levou a abraçar com todo o devotamento de sua alma nobre e intransigivel a causa da revolução de 35.

Triste e cheio de indignação elle assistia os desatinos administrativos d'essa epocha; via toda a sorte de erros e violencias postos em pratica, quanta iniquidade pode imaginar um governo

que não se apoia na opinião e quer a todo o transe impôr-se ao respeito publico.

De todos os lados ouvia se a queixa dos opprimidos, o grito de desespero dos que soffrião as violencias dos agentes do poder.

Contristado, pois, elle contemplava no seu retiro as desgraças que affligião o seu berço; porem quando o clarim revolucionario despertou os rio-grandenses, entre os mais nobres adeptos da reação, distinguia-se o vulto do grande cidadão Antonio de Souza Netto.

A sua adhesão pois, importou n'um brilhante triumpho para os rebeldes; era um grande apoio moral que vinha coroar a obra do 21 de Setembro.

A causa da revolução não recebeu unicamente a sua dedicação, o seu braço e a fulgente espada; ganhou um cem numero de sympathias, e muitos braços nobres e resolutos arrastados ahi unicamente pelo prestigio de seu nome.

A attitude energica que alcançou a revolução e que atemorisou o governo deve-se em grande parte ao benemerito rio-grandense.

Continúa.

ACHYLLES PORTO ALEGRE.

APONTAMENTOS

HISTORICOS, TOPOGRAPHICOS E DESCRIPTIVOS DA CIDADE DO RIO GRANDE

DESDE O SEU DESCOBRIMENTO E FUNDAÇÃO ATÉ A PRESENTE DATA

POR

CARLOS EUGENIO FONTANA

VI

A união da casa de Bragança com a de Borbons pelo enlaco do rei Fernando VI com a infanta de Portugal D. Barbara, estreitou um tanto as relações das coroas de Portugal e Castella. Concordarão então as cortes de Madrid e Lisboa em uma demarcação de limites que puzesse fim ás continuas duvidas que se suscitavão entre seus subditos, e a 13 de Janeiro de 1750 foi celebrado o tratado de limites, pelo qual a Hespanha cedia á Portugal todas as terras occupadas por ella e que de direito áquelle pertencessem, desde Castillo Grande, margem do oceano, até a foz do rio Ibicuhy, assim como toda e qualquer povoação que se achasse comprehendida entre a margem septentrional do Ibicuhy e a margem oriental do Uruguay.

Das povoações que cedia a Hespanha na margem do Uruguay, devião sahir os padres missionarios com seus indios aldeados a

povoar outras terras do dominio hespanhol, ficando para Portugal as povoações com todas as propriedades, templos, etc., em troca da cidade Colonia do Sacramento.

Os commissarios nomeados para proceder a demarcação de limites, forão: por parte de Portugal, o capitão-general Gomes Pereira de Andrade, conde de Bobadella, e por parte da Hespanha o marquez de Val de Lirios, os quaes derão começo a seus trabalhos em 1752.

N'essa operação, forão elles interrompidos nas Missões Guaraniticas pela resistencia armada que encontrarão de parte dos indios aldeados pelos jesuitas, que assim vião fugir-lhe a theocracia que havião plantado nos desertos das margens do alto Uruguay, tendo conseguido pela superstição e pela palavra reduzir nações nomadas á vida social.

Na ilha Martins Garcia, tiverão uma conferencia Freire de Andrade e Val de Rios, e acordarão no emprego da força armada para obter o desalojamento das Missões, obrando em combinação as tropas portuguezas e hespanholas.

Em Maio de 1754 abrio-se a campanha, partindo Gomes de Andrade do Rio Grande com o exercito que ali organisou, e Andonaegui, chefe hespanhol do Rio da Prata.

As forças de Andoanegui, chegarão até o Ibicuhy, porém virão-se na obrigação de retroceder por falta de cavalhada.

O general Freire de Andrade achava-se nas margens do Jacuhy, quando teve noticia da retirada de Andoanegui. Os indios aproveitarão este ensejo para hostilisar as tropas portuguezas.

Avançarão até o Rio Pardo, onde tiverão alguns encontros com as forças de Gomes de Andrade, mas fazendo este então um convenio, forão suspensas as hostilidades.

Em 1755 se organisou nova expedição em combinação com as forças hespanholas para fazer desalojar as Missões: Gomes Freire de Andrade, mandou construir o forte de S. Gonçalo, para deposito de artigos para a campanha que ia encetar.

N'esse mesmo anno, Vianna, governador de Montevidéo, se dirigio ao Rio Grande e d'ali a Botovi, onde bateu e derrotou os indios, dando morte ao celebre Cacique Sepé.

Os guaranys não desanimarão com este revez. Reunirão um exercito de dois mil homens, e nomearão para seu chefe o cacique Nhanguirú, e forão em procura das forças europeas, que constavão de 2,500 homens.

Encontrarão-se nos cerros de Caybaté: os indios, ao chumbo e ao aço europeu, oppunhão suas lanças e flexas.

O combate foi renhido, sendo por fim coroadas pela victoria as tropas alliadas. Marchão sobre a povoação de S. Miguel, que os

indios incendiarão ao abandonar, e d'ahi foi continuando o desalojamento dos mais povoados das Missões.

Assim terminou em 1756 a guerra guaranitica, que tanto cuidado causára ás côrtes de Lisboa e Madrid, e proseguio-se sem difficuldade a demarcação de limites, até que por morte de Fernando VI e successão de Carlos III, foi suspenso por convenio de 12 de Fevereiro de 1761.

VII

A 15 de Agosto d'esse mesmo anno celebrou-se o *pacto de familia* com a França, achando-se assim a Hespanha envolta em guerra com a Inglaterra e Portugal.

Em Janeiro de 1762 foi declarada a guerra.

O governador do Rio da Prata, tenente-general Pedro Antonio de Ceballos, logo que d'isso teve sciencia, tomou certas medidas e precauções.

A 2 de Outubro foi promulgada a guerra em Montevidéo.

A 5 do mesmo mez, levantou as primeiras baterias que devião bater a cidade de Colonia do Sacramento, guarnecida por tropas portuguezas ás ordens do governador Vicente da Silva Fonseca. N'esse dia e no seguinte forão lançadas sobre a cidade sitiada mais de 20,000 balas.

As tropas portuguezas resistirão com denodo e as quinas sempre tremularão com honra.

Numerosas, porém, erão as forças hespanholas.

Silva Fonseca em vão esperou os reforços da armada anglo-lusa, e depois de ter opposto a mais tenaz resistencia teve de capitular a 29 do mesmo mez, embarcando com toda a sua guarnição e muitas familias que assim abandonarão a ultima possessão portugueza no Rio da Prata.

Infelizmente sobreveio um forte temporal que fez naufragar duas embarcações das de Silva Fonseca, perecendo quasi todos que n'ellas ião.

Passados poucos dias, appareceu em frente á Colonia a esquadra anglo-lusa, composta de duas náos e quatro fragatas, com mil soldados de desembarque, sob o commando de Mr. Mannamara, e com surpreza vio tremular o pavilhão de Castella em vez das quinas portuguezas. Tentou reconquistal-a, porém foi mal succedido, perdendo a fragata ingleza *Lord Elive* de 60 peças, que incendiou-se no combate, perecendo para mais de 400 praças que tinha a bordo.

Ceballos, orgulhoso com a victoria que acabava de ter, deliberou dirigir-se sobre a povoação de S. Pedro do Rio Grande.

O chefe da capitania do Rio Grande, logo que d'isto teve sciencia, mandou edificar um forte em Santa Thereza.

A 18 de Abril de 1763, as tropas hespanholas atacarão essa nova fortaleza, e n'essa mesma noite retirarão-se todas as tropas portuguezas, de linha, menos o coronel Thomaz Luiz Osorio, commandante de Santa Thereza, que ahi ficou com 280 dragões.

Ao amanhecer, porém, renderão-se á discripção, ficando em poder de Ceballos toda a artilheria, armas e munições que havia no forte.

O infeliz Osorio foi depois julgado em Lisboa e sentenciado a ser passado pelas armas.

Após aquelle feito, Ceballos dirigio-se ao forte de S. Miguel, que tambem rendeu-se a 23 de Abril, ficando a guarnição prisioneira de guerra.

Destacou então o capitão José Molinas, com forças para atacar a villa de S. Pedro do Rio Grande, da qual era commandanto Ignacio de Loyola Madadeira; e no dia 25, quasi sem resistencia, tomou posse da villa abandonada pouco antes por Madadeira que se retirára com sua guarnição para a margem septentrional.

Com a villa forão tomadas doze peças, dois morteiros, um obuz, muitas armas e mais de 300 quintaes de polvora.

Poucos dias depois d'este acontecimento, veio a noticia da paz celebrada em 10 de Fevereiro, e cessarão as operações militares.

Apezar da paz, os hespanhóes nunca entregarão a praça do Rio Grande, a qual continuou a ser occupada por forças hespanholas, sob as ordens do commandante José Molinas.

O governador de Buenos-Ayres, tenente-coronel Francisco Bucareli, esqueceu-se d'esta possessão, extorquida á Portugal, e por longo tempo deixou de remetter o soldo ás tropas de Castella ali estacionadas, por cujo motivo em principios de 1767 ellas sublevarão-se, desertando a maior parte da guarnição do Rio Grande.

O coronel José Custodio de Faria, aproveitando este incidente, resolveu recuperar este torrão pertencente aos portuguezes; e a 23 de Maio d'esse mesmo anno principiarão a agglomerar-se na margem do Norte as tropas luzitanas que sob o mando do coronel José Marcellino de Figueiredo devião reconquistar a villa de S. Pedro.

Na madrugada do dia 29 do mesmo mez, encobertas por densa neblina, principiarão as tropas portuguezas a passagem, afim de surprenderem as guardas hespanholas. Infelizmente, porém, o pratico errou o caminho e conduzio os assaltantes aos immensos pantanaes que então existião ao sul da villa e sendo então

presentidos pela gente castelhana, soffrerão um vivo fogo dos fortes de terra e da escuna de guerra hespanhola *S. Nicolas*, que estava de protecção á villa.

O coronel Figueiredo teve de retirar-se para o Norte depois de grandes perdas, ficando assim mallograda a tentativa de reconquista do Rio Grande.

VIII

O direito de navegação do Rio Grande foi longo tempo uma questão entre o chefe portuguez de S. José do Norte e o hespanhol de S. Pedro do Sul, sustentando este ultimo que as aguas d'esse rio pertencião de direito a S. M. Catholica.

Os navios portuguezes que pretendião entrar a barra do Rio Grande, erão canhoneados pelas baterias do sul, onde tremulava a bandeira de Castella, que lhes fazião graves avarias, obrigando-os a fundear a espera de vento feito para forçar a entrada, o que os expunha a continuos naufragios.

Para favorecer a navegação portugueza, veio de Porto Alegre um palhabote de guerra ali construido e ancorou entre a villa de S. José do Norte e o forte das Figueiras da mesma costa. Ao mesmo tempo destacarão os hespanhóes a escuna *Santa Mathilde* e á chalupa *Golondrina*, que fundearão na bocca da Mangueira, pouco além da ilha do Ladino.

Emquanto isto se passava no Rio Grande, o brigadeiro João José Vertiz, organisava em Buenos-Ayres uma columna de mil e tantos homens, e partia com ella para o Rio Grande a 7 de Novembro de 1763, chegando até Rio Pardo sem mais resistencia que a encontrada no passo de Tabatinga, retirando-se depois para a villa de S. Pedro do Rio Grande, reforçando-a com algumas centenas de homens, pois n'essa occasião se reunia em Santa Catharina um exercito de 6.000 experimentados e aguerridos portuguezes, sob as ordens do tenente-general Henrique Bohour, com o intuito de reconquistar dos hespanhóes a villa de S. Pedro do Rio Grande.

Essas forças agglomerarão-se em seguida nas margens do norte do Rio Grande, onde já estavão estacionados sete pequenos vasos de guerra portuguezes, ao passo que uma esquadra da mesma nação cruzava de Santa Catharina á embocadura do Rio da Prata.

Estes preparativos inquietarão o coronel Miguel Tejadas, che-

fe da fronteira, que participou incontinenti ao governador de Buenos-Ayres, pedindo soccorro.

Tendo chegado a Montevidéo, procedentes de Hespanha, alguns vasos de guerra de Castella tiverão ordem de seguir immediatamente para o Rio Grande, ás ordens do capitão de fragata Francisco Xavier de Moraes, as corvetas *Antocha* e *Dolores*, o brigue *Santiago*, a escuna *Pastoriza* e as canhoneiras *S. Francisco* e *Misericordia*.

A corveta *Antocha* ao transpor a barra do Rio Grande bateu e foi a pique salvando-se a guarnição.

Os cinco vasos restantes formarão em linha na costa do sul entre as baterias Santa Barbara e Trindade.

Poucos dias depois forçarão a barra quatorze vasos de guerra portuguezes, guiados pela não de linha *S. Antão*, que ficou fóra. Commandava estas forças o celebre Mackedum. Formava a esquadrilha a fragata *Princeza do Brazil* de 40 peças, outra fragata de 32 peças e varios brigues e palhabotes.

Ao primeiro ensejo favoravel, os vasos menores com tropa de desembarque accommetterão a esquadra hespanhola que se achava fundeada no canal da Mangueira. Depois de infructifero fogo de tres horas de renhido combate, tendo ido a pique um palhabote e incendiado-se um brigue debaixo do fogo dos fortes hespanhóes, foi a esquadra luzitana dar fundo na costa septentrional.

As tropas portuguezas ali reunidas subião a 6,000 homens sob o commando do tenente-general João Henrique Bohour, e debaixo de suas ordens achava-se o marechal de campo Jacques Juveck. As forças hespanholas erão commandadas pelos coroneis José Molina e Miguel de Tejada, debaixo de cujas ordens estava o tenente-coronel de artilheria Francisco Betbezé de Ducas e constavão de 2,000 homens que guarnecião desde a Turutoma até o porto da barra.

No dia 1º de Abril de 1776 de madrugada as forças luzitanas em jangadas e botes fizerão um desembarque sem ser presentidas pelos hespanhóes, e ao romper o dia, 2,000 portuguezes tomavão por assalto as baterias Trindade e Santa Barbara. Na mesma hora ambas as esquadras levantarão ferro precipitando-se a portugueza sobre a hespanhola que para evitar o fogo fez se de vela barra fóra, perdendo-se no banco a chalupa *Golondrina*, sem poder ser soccorrida nem pelos seus, nem pelos portuguezes em conseqnencia de ter baixado as aguas.

Na tarde d'esse mesmo dia foi evacuada a bateria do centro, denominada do Triumpho, retirando-se a sua guarnição para o quartel da villa do Rio Grande.

A bateria do Pontal foi tambem evacuada á entrada do sol, e

ao retirar-se sua guarnição prendeu fogo á escuna *Mathilde*, que não pôde seguir a esquadra de Castella por estar encalhada.

Este vaso voou as 9 horas da noite. O forte da barra tambem foi minado pelo seu commandante o tenente-coronel Francisco Betbezé de Ducas, e fez explosão as 8 horas da noite, pouco depois da retirada do seu commandante com a guarnição que emprehendeu a retirada até Santa Thereza, pela costa do mar.

A guarnição da villa de S. Pedro, pôz-se em retirada ás 10 horas da manhã no dia 2, quando tremulava já no quartel general da villa o pavilhão das quinas, passando assim a pertencer novamente a Portugal, sendo recuperada pela força, já que não tinhão querido entregal-a como devião em virtude do tratado de Paris de 10 de Fevereiro de 1763.

Continúa.

OS FILHOS DA DESGRAÇA

ACTO III

DECORAÇÃO. O theatro representa um carcere. E' noite; uma lampada arde suspensa ao muro. No fundo ha uma bilha. Uma porta á esquerda

SCENA I

Arminio e Adriano

ARM. (*com a camisa ensanguentada, desfeita em pedaços pelo açoite, dorme sobre uma porção de palhas; está ligado por longa corrente a uma argola na parede, á direita. N'um mocho, encostado a uma janella de varões de ferro, no fundo, Adriano Olivares. Envolve-se em longa capa, tem a barba branca e longa, e ao levantar do panno parece contemplar o céo.*) — Amanhã estas portas vão-se abrir de par em par...e depois de 28 annos de injusta prisão, de iniquo captiveiro vou de novo respirar os ares livres da patria, ver os céos tão puros, as florestas tão magestosas, os arroios tão limpidos! E tambem hombrear com o homem!... O homem?! O' Deus pensava ter n'elle a mais bella creação, o typo que mais lhe assemelhasse, e o homem mentio a tantas esperanças, falhou ás promessas de sua condição! Desceu... Desceu ao nivel do reptil, atascou-se no crime e nos vicios!... Desceu muito abaixo da alimaria. Ah! injustiça que me fizerão!... Hoje só o retiro, a solidão da natureza se casão com o silencio e o isolamento de minha alma! Ali (*apontando para fóra*) de em torno d'estes muros, mil cabeças pensão, e o alvo, que mirão, é o interesse, o interesse que não calcula os meios para attingir os fins,

ali mil joelhos se curvão ante a purpura dos ricos, inda que encubrão nojentas alporcas; ali as almas são thuribulos de lisonja que incensão as aras do deus: ouro; ali estão meus algozes, o carrasco de minha esposa e de meu filho, e os homens transigindo com a consciencia, amergem a fronte ante elles!... miseraveis!

ARM. (*sonhando em estado febril*) — Carlota!... Carlota!... Onde estás? Eu soffro e tu não vens?... olha... o azorrague despedaçou-me as carnes... perdi muito sangue... muito! Fiquei sem forças... quasi morri... Carlota!... Se visses o que fizerão... Atarão-me á uma escada... fizerão-me com a dôr confessar crimes que não commetti... depois... a pelle rompeu-se... Meu Deus!... nunca... nunca soffri tanto!... Faltava-me a respiração... o corpo ardeu... parecia que os ossos desconjuntavão-se... tinha uma sede devoradora!... Ah! Carlota!... Carlota... porque não vieste?... (*Ergue o corpo a meio, abre os olhos, olha em todas as direcções allucinado*)... Carlota! Fujamos... fujamos para o sertão!...

ADR. — Desgraçada criança!

ARM. — Carlota! .. (*Erguendo-se espavorido e recuando como se tivesse ante si uma terrivel visão*) O'!... elles!... os carrascos... a corda!... O'! perdoem-me!... perdoem-me!... Sou innocente... Ah! não ouvem... sou innocente... (*Movimento de quem luta contra varias pessoas*) Deixem-me... Deixem-me... (*Dá profundo grito de agonia e cahe prostrado*).

ADR. (*chegando-se a elle*) — Eis uma nova victima dos homens! Escravo, sujeita-te ao latego, és propriedade, não pódes erguer a voz contra teu senhor. Porém, tão moço, tão bello, qual será teu crime?... Se o não tens, de certo inventarão um, os homens são capazes de tudo.

SCENA II

Os mesmos e o carcereiro (que entra com um mólho de chaves na cinta e uma lanterna na mão)

CARC. — Então, Adriano, como vais com a nova visita?... Como amanhã tens de sahir mandei-o para aqui... e não ha mesmo lugar para os novos freguezes e hospedes...

ADR. — O aspecto da desgraça sempre tem influencia sobre meu coração. E' um outro que soffre, como eu; é talvez uma nova victima que merece e necessita de consolação...

Car. — O rapaz deve estar com febre, foi uma flagellação medonha... Pensei que que querião matal-o...

Adr. — Triste condição de escravo! E de que crime o accusão!

Car. — Accusão-n'o de furto, mas elle o negou antes do supplicio, e já ouvi dizer por ahi que o caso é outro.

Adr. — Mas não disserão-t'o?

Car. — Sim...o rapaz, dizem, ousou amar a filha de seu senhor e até avançon que foi correspondido... E' o que dizem, não sou capaz de jural-o...

Adr. — E quem mandou inflingir tão dura punição?

Car. — Um millionario, um homem a quem estimas muito... Bazilio de Sepulveda...

Adr. — Bazilio de Sepulveda?! Elle sempre verdugo! Meu Deus! Parece impossivel que a justiça, da terra seja uma vã palavra, uma denominação sem sentido!

Car. — Que ha de fazer-se? E' ordem do mundo; e demais é o senhor que manda castigar o que lhe pertence...

Adr. — Ordem do mundo!... Eis como dão bello colorido á mais torpe acção! Bem, dentro d'estes muros não ha um só martyr, um só ente sacrificado ao oiro de Bazilio, ao seu poder... (*Voltando-se para Arminio*). Agora mais que nuńca miserrima criança, sympathiso com teu infortunio; não é só a attracção que nasce pela reciprocidade de dissabores e a semelhança de idade, não, é que o mesmo braço fez as feridas que sangrão e atormentão; a mim, que saio decrépito da masmorra, a ti que entras no vigor da mocidade... O' eu não ter as provas de minha innocencia e sua culpabilidade para amanhã leval-o ante os tribunaes do paiz!...

Car. — Deixa-te de palavrorio; o homem tem dinheiro, coisa que faz emmudecer ao mais austero juiz. Cuida e pensa em sahir amanhã... Que tens com o escravo? Isto estou vendo todos os dias; por esta razão já tenho alma grande e um coração que de lagrimas nada entende.

Adr. — Alma de carcereiro! não é? Já os conheço.

Car. — Boa duvida! E' um officio como outro qualquer. Tenho mulher e quatro filhos, que necessitão comer, casa e vestidos.

Adr. — Como o de carrasco... Porém o officio não mata o coração...

Car. (*interrompendo-o*) — Amanhã vais sahir, meu velho, por isso deixo-te o quarto aberto. Se o rapaz peiorar, não faças ceremonia, chama-me, que lá embaixo deixei um moço muito incommodado pelo castigo que derão ao mulatinho, recommendando-m'o muito. Até amanhã. (*Sahe*).

(N. B. - de pg. 60 a 63: houve engano na numeração)

SCENA III

(Pag. 60 a 63).

Os mesmos menos o carcereiro

Adr. (*chegando a Arminio toma-lhe o pulso*) — A febre é pouca... Como ferirão-n'o! Retalharão-lhe as carnes! Coitado! Só a ferocidade de Bazilio! No entanto é um bello menino, ha ainda no seu rosto a doce expressão da infancia, que carêa pelo risonho das feições, pela graça dos traços e innocencia do olhar. (*Pondo-lhe a mão sobre o coração*) A pulsação é bastante forte... Ah!... (*Contemplando o peito de Arminio como quem concentra a attenção*) Uma cruzinha...(*Reparando mais*)...de prata...ha um nome... (*Grito de alegria expontanea*) A cruz de meu filho!! (*Arrancando a rapidamente do pescoço de Arminio, vai prestes á luz*) Sim... sim... eis seu nome!... Fabio...é isso mesmo... Meu Deus, que alegria! (*Beijando-a*) Sim...é essa mesma que pendurei-lhe ao pescoço ao nascer, quando sua pobre mãi apresentava-m'o com toda a effusão do amor materno estampada na physionomia!... Sim, é ella mesma, porém... (*Parando pensativo*) Como veio parar no pescoço do escravo? Indaguemos... (*Vai a Arminio, começa a sacudil-o, para despertal-o. Fabio apparece na porta com o carcereiro*).

Arm. (*semi-dormindo*) — Carlota, deixa-me...vou morrer.

Adr. — Sou eu, teu amigo...olha...escuta...quero conversar comtigo...

Arm. (*abrindo os olhos*) — Quem é o senhor?...

Adr. — Um teu amigo...quero salvar-te...escuta.

Arm. (*sentando se*) — Que dôres! não me martyrise, senhor! Que mal lhe fiz!

Adr. — Quero curar-te, escuta...escuta.

Arm. — Deixe-me morrer, por caridade!

Adr. (*mostrando lhe a cruz*) — Esta cruz, quem t'a deu!

Arm. (*impaciente*) — Deixe-me...deixe-me! (*Fabio que tem vindo vagarosamente e está por detraz de Adriano*).

Adr. (*com tom supplice*) — Diz-me...escuta...diz-me, por piedade!

Fab. — A cruz de meu filho! (*Tomando-lh'a*).

Adr. (*erguendo-se admirado*) De teu filho?!...

Fab. (*tomando Arminio*) — Arminio! Arminio!...

Arm — Deixe-me...deixe-me.

Fab. — O' diz-me, vê se te lembras...teu nome foi sempre Arminio? Falla... Falla, eu quero sabel-o...

ARM. (*Ergue-se. encara todos allucinadamente, deixa cahir os braços e fica estatelado*) Parece um sonho!...

FAB. (*o mesmo*) — Falla... teu nome foi sempre Arminio? Carlota ordena...

ARM. (*o mesmo*) — Carlota?!... Não existe mais...

FAB. (*sacudindo o*) — Teu nome quando eras pequeno, vê se lembras?...

ARM. (*febricitante*) — Sim... eu tive outro nome... (*Levando as mãos aos cabellos, como quem luta com uma infidelidade da memoria*) Sim, eu tive... Eu era pequeno .. faz muito tempo... Não era Arminio, tem razão... Sim... era... era... chamavão-me...

FAB. — Gabriel?...

ARM. — Sim... Gabriel!

FAB. — Meu filho! (*Vai abraçal-o*).

ARM. (*fitando o, conhece-o e repelle o*) O' o Sr. Fabio! o Sr. Fabio! (*Recua até o muro aterrorisado, e cahe em uma syncope*).

ADR. (*Suependendo Fabio que vai soccorrel-o*) — Meu filho! Fabio!

FAB. (*recuando espantado*) — Eu?!... Eu?!...

ADR. — Sim, Fabio, tu és tambem meu filho... esta cruz m'o diz... Sou teu pai Adriano...

FAB. — Meu pai... Será possivel tanta felicidade?... O' meu Deus! Enlouqueço!

ADR. (*abrindo os braços*) — Meu filho!

FAB. (*lançando-se n'elles*) — Meu pai!

CAR. (*que tem assistido esta scena, enxugando com a manga do casaco uma lagrima que lhe vem aos olhos*) — Altos mysterios de Deus! (*Cahe o panno*).

FIM DO TERCEIRO ACTO

SERÕES DE UM TROPEIRO

(COLLECÇÃO DE CONTOS SERRANOS)

O TENENTE NICO

Á IRIEMA

DEDICATORIA

Por uma singular e notavel coincidencia tem a *Revista do Parthenon*, ou seja na mimosa narrativa *O Tropeiro*, ou na poetica lenda *A mãe do ouro;* no intrepido *Vaqueano,* com seus heroicos episodios, ou na delicada aguarella *A gruta das borboletas* — trasladado em suas paginas, fieis, originaes e brilhantes descripções geognosicas e historicas d'essa vastissima porção do Rio Grande do Sul, que, dividido por um dos braços do tytan de granito, que se prolonga de sul á norte pelo littoral do imperio, constitue a zona septentrional da legendaria provincia.

Singular e notavel coincidencia, de facto, é esta que se patentea na preferencia dada á região norte, quando é ella, incontestavelmente, menos populosa, menos rica, menos culta, menos celebre, finalmente menos importante, sob qualquer ponto de vista pelo qual se pretenda estabelecer o confronto, do que a zona meridional.

O que então a justificará?

A pompa d'essa natureza ainda semi-envolta no manto virgem da primitividade?

A vida, ainda simples, patriarchal, que se deslisa a beira da

serra, na falda da montanha, na quietação e silencio de uma feliz ignorancia?

Não o sabemos nós, que tambem nos sentimos a ella attrahidos, presos pelas mais doces e gratas recordações da infancia, ahi escoada em sua maxima parte.

Mas a verdade é, que — desde o tropeiro, que regressa á *casa branca*, da ardente e formosa *Annita*, attrahida, fascinada ante a lympha da donosa *Mãe do ouro;* do *Vaqueano*, que disputa o passo á fera bravia na devesa alpestre, e como a esta, subordina, vence os obstaculos, que a natureza supperpoz-lhe a passagem, e vai, affouto, ao tope do mais alcantilado pincaro cravar o labaro sacro de suas liberdades, proclamando-as aos echos dos taymbés; até o pensador e o poeta, que se extasião aos cambiantes prismas do stalactites, e ao perfume inebriante das *primaveras*, que embalsamão o ambiente e adjacencias da *gruta das borboletas:* — temos visto as paysagens mais picturescas e magestaticas, os mais portentosos feitos e os mais celebres episodios, desenrolarem-se á nossa reminiscencia, em tão magistraes toques de originalidade e poesia, que é mister possuirmo-nos da famosa audacia de Danton, para pretendermos juntar algo ao que tu, popular *Iriema*, e *Valpirio*, *Manfredo* e outros laureados talentos têm produzido.

Anima-nos porventura uma crença: de que como a tua, a nossa alma é tambem susceptivel de enthusiasmo pelo bello; de que como o teu espirito, *Iriema*, tambem o nosso se amplia, se illumina e se arrebata aos explendores de tanta grandeza!

Perdôa-nos pois o arrojado tentamen, consentindo que sigamos o traço luminoso de tuas peregrinações litterarias atravez as magnificencias d'aquella natureza e a vida singela e ditosa d'esses bemfadados filhos das montanhas.

O habito de vermo-nos quasi todas as tardes, de passar algumas horas na mais franca e amistosa intimidade, em palestras botanicas e litterarias, como que isolados do prosaico realismo de nossa sociedade; como que esquecidos, nós — do funccionalismo, tu — do magisterio; tornou-se-nos imperiosa necessidade: impossibilitado, por incommodos de saude, de ver-te, resolvemos fallar-te com a palavra escripta.

Mas sobre o que? Sobre os males physicos, que aniquilão o corpo, dos moraes, que corrompem a alma?

Imprecações ou queixumes?...

Impressões de um artigo politico, critico ou historico, de uma poesia, de um romance?

Antes. Fallar-te-hiamos das que deixou-nos alguma cousa, que lemos, por termol-a visto muito recommendada — *Sous les tilleuls*, do famoso autor das *Guêpes*, o immortal Affonso Karr, se não ti-

vessemos receio de alguma d'aquellas *farpadas* á Ortigão, Eça & Comp.ª

Mas o caso é que ás vezes elles têm razão. Deveriamos mesmo ser *ramalhoados* de rijo sempre que deixassemos as nossas cousas, para irmos imital-os, ou como bem o dissestes na dedicatoria do *Gabila*, tornarmo-nos « piratas pelo mar da Europa ».

O resultado temol-o patente : é a nossa litteratura abastardada, rachitica, e mais do que isso - caricata

Não estamos vendo todos os dias em obras nacionaes absurdos ridiculos? Não vemos descriptos, por exemplo: um inglez, secco como o *hokê*, guitarreando, indolentemente reclinado nas bancadas do *Prado*, e o hespanhol, arvorado em industrial, macambuzio e frio como o calculo, atravessando um *square* á passo accelerado; um veneziano a barcarolar pelo Méler, ao luar d'uma noite de inverno...snéco, e um filho das Doufrinas retouvado em pelles de rengifer, no tradiccional threnó, em exposição no atrio da cathedral bizantina?!

Quando não vemos cousa peior, muito peior : isso tudo abrazileirado! Que horror!

Voltemos porém á nossa sympathica e poetica Cima da Serra, de onde vamos contar-te algumas historietas de facil digestão; narrativas, que preenchem o serão de um pouso, que ouvem-se junto a lareira, e que entretanto consubstancião indoles, usos, costumes e tradicções de um povo.

E' o primeiro conto da serie o *Tenente Nico*.

O assumpto d'este conto não é apenas o simples fructo da imaginação, e comquanto não almeje foros de historico, varias vezes o veridico do acontecimento transluzirá d'envolta com as impressões, que nos estremecerão n'essa quadra suspirosa dos quinze annos, em que a vida, tranquilla e explendida como a planura do oceano nas calmarias de Janeiro, passara como um fremito da grimpa do pinheiral, como uma nota do canto do aboiador.

Foi pois, em Cima da Serra de São Francisco de Paula, á margem do torrentoso Santa Cruz, que pela primeira vez estacamos absortos ante as magnificencias da natureza.

Essas rochas collossaes sobrepostas umas ás outras; esses profundos e escalavrados abysmos, cortados a prumo, em que se despenhão com fragor tremendo soberbas catadupas; esses grupos de diversas formações apresentando phenomenos scientificos nos caprichosos contornos, evidenciavão-nos os grandes convulcionamentos que abalarão aquelle solo onduloso.

Essas imponentes perspectivas; esse quadro esboçando uma luta de gigantes, arcando uns braço a braço, outros agonisando, cahidos após enormes mutilações; allumiados pelos raios auri-ru-

bros do sol poente, embeveceráo-nos na sua contemplação e gravarão-se-nos perpetuamente n'alma.

O espirito inculto inquiria embalde a causa d'aquella collossal conflagração... não a sabia explicar; mas o pensamento, que da magnificencia da terra se elevava a do céo, como prescrutando o arcano, adorava ahi o autor d'aquellas maravilhas — Deos! E esse Deos, que nos ouvio, quando o invocamos no horror de uma noute de naufragio, ahi se nos revelava em sua augusta omnipotencia! Aquelle mar iroso, que vimos outr'ora, embatendo escarceo contra escarceo, ir de roldão despedaçar a corôa franjada de espumas contra os fraguedos ponteagudos do pavoroso Albardão, se tinha coagulado na maxima ebulição, petrificado-se quando o pampeiro o contorcia com mais furia, era aquella portentosa maravilha, era aquella região profundamente acidentada, cujo espectaculo admiravamos!

O anjo melancholico do crepusculo distendeu as azas pardacentas pelo espaço; á Vesper succedeu Hecate; e a pallida e casta peregrina encontrou-nos ainda embevecidos ante o portentoso espectaculo, dispertando-nos para nos desvendar um outro, senão tão grandioso, mais ungido de mystica poesia.

Um firmamento azul, recamado de perfulgentes scentelhas, em plenilunio de Dezembro; a poucos passos o Santa Cruz rolando marulhoso a précipite caudal; um pontão de serra avançado pelo dorso de uma alterosa coxilha, como querendo ainda prender-nos entre a sua guarda avançada de pinheiros, canelleiros e baracatingas; no vallo a cresciuma, o caraná e a samambaya ondeando a mercê da brisa, semelhando o despenhar mysterioso de uma cascata de verdura; duas barracas a beira do matto illuminadas pelos rubros reflexos do brazido de nós de pinho; a cuia do matte ximarrão fazendo o classico gyro na roda; o ambiente impregnado do suave trescalar do saboroso charque serrano a inguiçar o apetite de quem já sentia uma fome, se não maior, com certeza igual a todas as grandezas que as mathematicas têm medido; e para contraste d'este harmonico conjuncto, o sincerro a tinir, e uma viola a *rasgar a tyranna!*

Ai! ainda se fosse só o sincerro...

Tu sabes o que é uma viola, e uma viola a chiar dia e noute, eternamente?

Pois é a unica cousa ruim que ha por toda aquella redondeza; — por Deos! patricio, que é só.

Dê-nos pois licença para sacudir o ponxe e irmos, escoteiritos no mais, encontrar o tenente Nico, que ha de estar a nossa espera ahi pelo Mundo Novo, ou na Taquára.

DAYMÃ

Coutinúa.

MONOGRAPHIAS

CASCATA DAS NAYADES — GRUTA DAS ORYADES

PREAMBULO

Antes de entrarmos no trabalho, que imos intentar, de algumas monographias de diversas producções notaveis da natureza, que se tem descoberto por estes contornos, nas vizinhanças do Itú, seja-nos permittido fazer uma ligeira descripção da conformação, variedade, aspecto d'esses terrenos, etc., e servirá, assim como de uma especie de introducção aos artigos que vão seguir-se.

O Itú, um dos affluentes do Ibicuhy, pela margem direita, é um pequeno rio de curso mui tortuoso e irregular, cujo leito é quasi até a foz inteiramente aberto, em lugares por entre rochas, em outros sobre lages, e, em toda extenção, encerrando infinidade de pedras e de seixos de todos os tamanhos e de fórmas as mais variadas. A sua corrente é, em alguns lugares, quebrada por cachoeiras [1] mais ou menos fortes, sendo uma d'ellas, e talvez a maior, a que existe em um de seus passos mais concorridos, e que fica ha poucas leguas da sua embocadura.

Por esta circumstancia tem-se dado já ahi alguns funestos casos de viajantes que se tem afogado, e de carretas ou omnibus que, impellidos pela impetuosidade da corrente, se hão despenhado na profunda bacia, que se tem aberto com o continuo choque das aguas e mormente em occasiões de enchentes consideraveis.

[1] D'aqui veio, provavelmente o nome que lhe pozerão os indigenas por quanto « Itú » nome guarany, quer dizer cachoeira, ou rio de cachoeiras, etc.

Sendo as margens d'este rio, em algumas paragens, povoadas de extenso mato, os plantadores as tem aproveitado fazendo derribadas para roças, e tão uberrimas são estas terras que as colheitas se fazem sempre com admiravel abundancia.

Comtudo, annos tem havido em que as cheias tem sido taes, o volume das aguas tão avultado e seu curso tão rapido que tem destruido e comsigo acarretado as mais esperançosas plantações.

Em 1970 o rio sahio tão extraordinariamente fóra do seu leito que arrebatou algumas casas de capim edificadas em sitios, que seus proprietarios tinhão julgado livres d'esse perigo, e foi tão inesperada a enchente, e com tal precipitação que surprehendeu, á noite, diversas pessoas, que se tinhão entregue ao somno, sem o mais leve receio de que podesse ter lugar essa catastrophe, e ainda que, felizmente, ninguem perecesse, soffrerão ao aspecto de tamanho perigo um susto horrivel e passarão por transes crueis, salvando-se alguns a nado, outros agarrados em taboas, bancos, ou gamellas e perdendo grande parte de trastes, que não tornarão a apparecer, bem que os procurassem depois, e que sem duvida forão arremessados ao Ibicuhy e ahi dispersados por suas margens até o Urugnay.

No sitio em que habito, duas leguas mais ou menos distante do Itú, á esquerda, é justamente a paragem, ou por assim dizer, a altura em que começão a reunir-se-lhe seus primeiros affluentes, pequenos riachos, escabrosos e de aspecto sombrio, medeiando entre elles um terreno pela maior parte pedregoso, [2] cheio de vassouraes esparsos, apinhado de serras e com muitas quebradas, o que todavia não impede a ageis caçadores, bons cavalleiros, de por ahi fazerem suas perigosas correrias em perseguição dos veiados em que abunda, e que, hoje já mui resabiados, se conservão sempre alerta pelas eminencias, ou occultos em sitios desvios, ou embrenhados pelos bosques vizinhos, onde só amestrados e bons cães de raça os podem ir descobrir e expulsar para o campo.

[2] N'estas cercanias existem fracções de terreno bazaltico aonde se achão em grande cópia, cristaes de muitas especies e de varias conformações, e alguns de rocha se tem encontrado de bella agoa e mui transparentes. Outras ha que, partidas, são cambiantes, ou furta-côres, e fazem scintillar seu brilho como se tivessem sido lapidadas. A's vezes se vêem entre ellas algumas de fórmas raras e engraçadas. Uma pedra possuo, da especie silex, que foi achada por um menino, a qual é quasi oval, perfeitamente óca, com uma pequena abertura informe no seu extremo — mais agudo e que se poderia, por meio da arte, apropriar para uma excellente «cuia de mate», ainda que um tanto maior que as usuaes. E' de côr arroxeada e pesa acima de meio kilogramma. As abestruzes que passão por estas paragens, se alimentão em grande parte d'esses pedregulhos e cascalhos, de que são mui glotonas, assim que em quantas são mortas se achão sempre no papo, ou moéla, porções d'essas substancias. Em uma encontrei um porphydo — inteiro, que conservo, e em que se percebem, em alguns lugares, a acção já começada pela assimilação do aparelho digestivo. Pesa 4 grammas.

Algumas leguas, porém, para o oéste, rumo que segue o curso do rio, o terreno começa a mudar gradualmente de aspecto e de natureza, tornando-se arcento e mais aplanado, bem que constantemente povoado de outeiros e de pequenos montes mas de fórmas graciosas, ricas de variedade e correndo por entre esses formosos riachos, que descrevendo repetidas sinuosidades e sombriadas, quasi sem interrupção, por serrado arvoredo, vão-se uns aos outros reunindo, suavemente engrossando o volume de suas tenues correntes, — para assim levarem ao Itú um mais consideravel tributo de suas agoas.

Por toda parte se vêem, semeados pelas planicies, pelas eminencias, pelos valles e pelas quebradas, capões de todas as dimenções e fórmas, encerrando frondosas arvores de excellentes madeiras, e que são de grande proveito e serventia para os habitantes dos arredores, que d'ellas tirão para construir suas casas, cercas, fazerem carretas, atafonas, canôas, e, finalmente empregão-n'as em outros muitos misteres.

Porém, deixando de proseguir n'estas explicações que longe nos levarião, imos tratar de nosso assumpto principal que como já dissemos é o de fazer conhecidas aos leitores, por meio de ligeiros esboços, algumas cascatas e cachoeiras que existem n'estas cercanias, e que pouco apreço merecendo aos habitantes d'estas paragens são comtudo objectos dignos de occupar por momentos a attenção de uma alma amiga de estudar as obras inimitaveis da natureza; estas grandiosas producções que, apresentando no todo a mais deliciosa e surprehendente perspectiva, encerrão tambem em cada uma de suas fracções, de suas partes, ainda as menos salientes, ou visiveis á primeira vista, exquisitas particularidades, estranhas fórmas, singulares figuras, que, finalmente, a um attento exame julgar-se-hão inexhauriveis na variedade de seus aspectos, na diversidade infinita das imagens que representão, e nas mil graciosas ou grutescas combinações que d'ahi saberia compor uma imaginação viva e fecunda, sobretudo quando inspirada aos doces e suaves influxos da religião, da poesia e do amor.

III

A CASCATA DAS NAYADES

Vous y voyez.....
La nature riante en tous ses traits,
De verdure et de fleurs egayant ses attraits ;
Tantôt mâle, apre et forte, et dedaignant les graces ;
. . . . . .
. . . . . .
Glisse en mince filet un modeste ruisseau ;
...s'élance en grondant la cascade écumante ;
. . . . . .

DELILLE.

Duas leguas, mais ou menos ao S. O. do Itú, e cerca de meia a L. da estrada geral que conduz de S. Francisco de Assis á villa de S. Borja, em campos da *Sismaria Gularte*, por detraz de uma pequena casa de telha com suas cercas e seus curraes, modesto estabelecimento rural e agricola, [3] vê-se uma grande quebrada, coberta em toda a extensão por bastissimo e agreste arvoredo, a qual derivando do campo, que descreve ahi uma curva, se lança a pino muitos metros para baixo, de onde immediatamente nascem varias pequenas fontes, cujas agoas reunindo-se em sinuosos côrregos a um alveo de bordas ingremes e emmaranhadas de cipós, vão engrossar um abundante ribeiro que tem sua origem no campo, á cousa de uma legua para o lado do nascente.

E' este ribeiro que fórma a cascata, que appellidamos das nayades, despenhando-se a prumo exactamente por cima de uma admiravel gruta de que trataremos em o seguinte artigo.

No dia 23 de Novembro do anno findo de 1873, acompanhado de diversos curiosos, dispuz-me a fazer uma excursão a esse sitio, de que sempre ouvira fallar com certa admiração os habitantes

[3] Propriedade do fazendeiro Vasco P. da Luz.

d'esta localidade, bem que não sejão dos mais sensiveis ás perspectivas da natureza, e, pela maior parte pouco habilitados para fazerem uma justa apreciação d'essas obras notaveis com que a vontade suprema quiz adornar a opulenta terra de Santa Cruz, em tamanha cópia e com tal variedade de fórmas, que sua descripção, minuciosa e fiel, daria trabalho para muitos annos a quem quer que exclusivamente se empregasse n'esse mister.

Por si sós essas monographias encherião muitos volumes de uma leitura toda nova e variada, de um doce enlevo para as almas poeticas, e que, quiçá, longe levarião a certeza de que o nosso magestoso solo em suas bellezas phys cas bem pouco tem a invejar ás tão decantadas paysagens do Milanez, da Australia, ou ainda da Suissa.

A 23 de Novembro, pois, alguns minutos antes do meio dia, eramos chegados a borda do mato, á esquerda do ribeiro, que ali penetra exactamente no angulo da esquadria formada pela escabrosa quebrada, a qual tem a utilidade de servir de tapada, e impedir a passagem do gado de differentes especies que se cria para essa parte, em campo vistoso e fertil.

Apeamo-nos á sombra dos primeiros arbustos do agreste arvoredo, no tôpo das extensas barrancas, e para logo, observando a natureza das agruras em que iamos penetrar, conhecemos que bem pouco suave seria a nossa descida, e que ainda muito menos tinha de ser o nosso regresso.

Um dos da companha, joven robusto e agil, um verdadeiro serrano, sem hesitar, sem mesmo demorar-se em buscar um lugar, menos escabroso, tirou da cinta sua grande faca, que trazia para esse fim, e penetrou resolutamente no mato, cortando com ella, a um e outro lado, os espinhos e cipós que tão cruelmente se oppunhão á nossa passagem.

Seguimol-o de perto, e, dentro em pouco tivemos de operar a nossa descida quasi aos saltos, de uma a outra pedra, como de degráo em degráo, ás vezes escorregando por ellas, e valendo-nos dos arbustos inclinados como de um corrimão; sem tal auxilio infallivelmente teriamos de soffrer muitas quédas e pouco agradaveis encontrões, pois que marchavamos quasi agrupados, sem pensar em manter uma certa distancia entre nós, que mui conveniente seria ao nosso custoso ingresso por meio de taes fragoas.

Ao mesmo tempo, por entre ellas, iamos descrevendo mil sinuosidades, seguindo a vereda mais praticavel que se nos abria; aos lados de enormes pedras, umas escalvadas, outras cobertas de musgo, que se elevão á direita e á esquerda com aspecto sombrio e tristonho, e ás quaes se recostão, como se até nascessem para achar um apoio contra a furia das tempestades; arvores de variadas especies, e altos robles cujas ramas surgem acima da flores-

ta como as cachopas se elevão a superficie do oceano. A' direita, cavadas no flanco da quebrada, deparamos com muitas furnas, ou tócas, de differentes tamanhos, de fundo escuro e tortuoso, e cujo pavimento, á entrada, mui lizo e como varrido das folhas, claramente indicão que servem de abrigo, ou de morada effectiva a animaes bravios que ahi se crião, e ahi se resguardão da perseguição dos caçadores, e contra o ataque dos cães, só se atrevendo de noite, em busca de presa, a fazerem suas correrias contra os rebanhos que se apascentão propinquos ás fraldas d'estas brenhas.

Das cumiciras d'estas tocas, presas a um musgo aspero e denso se vêem, pendentes, ninhos de beija-flores, e estes por ali esvoação, cortando o ar por entre as ramas, traçando sulcos verdes sobre o esmalte da folhagem e soltando seus trinados rapidos e sibilantes.

Depois de muitos rodeios pelas anfractuosidades d'estes fraguedos, chegamos ao alveo do ribeirão, já ali mais abundante, pelo concurso de muitos pequenos riachos seus affluentes, e logo ouvimos o ruido suave das aguas da cascata, como o de um chafariz, ou antes como o que produz uma espessa chuva cahindo de um alto telhado.

Estavamos com effeito a poucos passos da cachoeira, mas nos tolhia a sua vista a vastidão de arvores e arbustos que, inclinados para o arroio, entrelação seus ramos de que pendem, em festões multiformes polypodios roxos e pardacentos, que se agitavão a uma suave brisa que corria do norte.

Caminhamos então sobre grandes lages que nos servião de alpondras, por entre as quaes se abrem canaes tortuosos, em que serpèia a torrente, ás vezes dividida, a espaços reunindo-se em póços, ou caldeiras, onde nadão pequenos peixes que, a cada folha ou semente que tomba, agitando a superficie da agua, a ella sobem e n'ella resaltão soffregos em busca d'esse escasso alimento que ao acaso lhes vem de um elemento estranho.

Correndo a estação mui secca estas aguas parecião como estagnadas e adormecidas, mas tão limpidas que reflectião como um espelho toda a paysagem que lhes ficava por cima e ao redor, e assim apresentavão ao todo uma côr esverdeada a espaços tremulante, segundo os movimentos que a viração imprimia á espessa folhagem do arvoredo e as lianas ramozas que o entrelação.

Seguindo sempre avante, e fazendo uns aos outros repetidas observações sobre os objectos mais notaveis com que deparavamos, chegamos, de repente, em frente á cascata, a um vasto claro sem arvores, e aonde se abre a especie de bacia em que, com pouco estrepito, cahião as aguas do alto de um immenso paredão, todo coberto de vegetação, e que calculamos a altura de uns vinte metros.

A um e outro lado, as bordas do leito do ribeirão se erguem á meia altura, e formão um amphitheatro perfeito com o fundo da cascata, cuja perspectiva suppõem a de um grandioso theatro que segundo o lugar que occupavamos, fosse olhado do proscenio para a frente, e para completar a illusão, as grandes paredes sobrepostas que formão as paredes lateraes e o salto, uns salientes, outros reentrantes, semelhão uma porção de camarotes, bem que dispostos ao capricho da natureza, semeados aqui e ali, sem ordem, sem alguma symetria.

Do lugar em que estavamos podiamos distinguir, á meia altura da cascata, isto é, entre o tópe de que se escapão as aguas e a raiz d'elle, ou o sitio da cachoeira, a entrada da lapa, ou *gruta das dryades*, como uma larga fenda no rochedo, e essa entrada, d'ali escura, e de tristonha apparencia, estende-se de um a outro dos barrancos lateraes, e, como depois verificamos, prolonga-se ainda muito para um e outro lado, gradualmente diminuindo em altura, até fenecer em terreno plano, quasi sobre as bordas do campo para o leste.

No local, pois, em que está a gruta, as aguas da cascata precipitando-se por cima da lapa que lhe serve de tecto semelhão uma cortina transparente que lhe cobre toda a entrada, mas, n'esta occasião, em que o ribeiro estava mui baixo, erão tenuissimos os fios da agua que cahia, e estando divididos por differentes pontos, e alguns em estelicidios, figuravão como uma larga renda argentina sobre um fundo negro, em partes esverdeados pela folhagem dos arbustos que nascem no estreito, mas comprido *patamar*, que se estende á bocca da gruta.

Ainda que esta cascata não seja de tão avultadas dimensões que desperte a admiração e cause assombro como outras muitas, tem, comtudo, em seu aspecto, um certo cunho original que a torna notavel, e isto pelo lugar soturno em que se acha, pela escabrosidade do terreno que a rodeia, pela variedade das arvores que a orlão em baixo, no alto e pelo pendor das quebradas, e, sobretudo, pela solidão melancolica, pelo silencio oppressivo que ali reina, ou reinava então, áquella hora, não se vendo um só passaro cruzar n'aquelle ambiente, não se ouvindo um unico gorgeio que fizesse echo nas concavidades das brenhas, e só nos resoando aos ouvidos o som monotono e cadenciado dos tenues fios da agua que cahia no fundo recipiente que tinhamos ao pé de nós, em frente, e que incessantemente estão rociando as pedras visinhas com seus respingos multiplicados.

Por largo espaço permaneci immovel, em um estado puramente contemplativo, e insensivelmente em minha imaginação se forão apresentando diversidade de idéas e de pensamentos sobre os mysterios d'aquellas brenhas, d'aquelle lugar recondito,

deserto hoje, talvez em outros tempos povoado por algum bando, ou alguma familia d'essas tribus selvagens que se mantinhão felizes em sua ignorancia, pois que vivião tranquillas e socegadas, pois que erão livres, pois que seus costumes erão singelos como os da infancia do mundo, pois que estavão ainda virgens das dissolações e preconceitos da preconisada civilisação que desconhecião e que devia-os eternisar...

Contemplei aquelle lugar todo em redor, arvore por arvore, penedo por penedo, as concavidades, os meandros da torrente, e, fechando os olhos, parecen me que, por momentos remontava áquelles tempos da soberania indigena, e que por aquellas agruras passavão, cruzavão, detinhão-se typos d'essa raça quasi extincta hoje, e afigurou-se-me vêl-os, homens, mulheres, crianças, em seus trajes de pennas entrelaçadas, no bulicio de suas occupações grotescas, nas funcções de sua religião informe, nas ceremonias estravagantes dos seus enlaces, seus regosijos ou suas lamentações mortuarias, e imaginei suas redes estendidas acima do estipede dos robles, e sobre as lages planas disposta em mil especies a caça para seus festins, o nas cavidades os utencilios domesticos, as armas dos guerreiros, pelles de quadrupedes, plumas de aves; e, pelos caracóes da corrente, em cada pequenina enseada, indias formosas banhando a fronte, e contemplando n'esses espelhos nativos encantos, graças em que se enlevão comsigo mesmas; mentalmente se me apresentou uma multidão de episodios, de caras romanescas como se as tivesse visto ali succeder; mil pensamentos, o qual mais singular, mais estravagante, occorrerão-me como de tropel, e quando, fazendo um esforço voltei como de um sonho ao mundo real em que me achava, vi meus companheiros em differentes attitudes, uns assentados outros de pé sobre as rochas, alguns fumando, outros banhando as mãos e a fronte, e todos conversando, rindo, galhofando animavão agora aquelle soturno ainda a pouco tão melancolico e tão silencioso: era um contraste com o poetico ideal que eu formára; busquei tomar parte em seus folgaedos, para expellir de mim um certo estado de oppressão moral que me provinha de impressões tão vivas, e apóz sentei-me em uma pedra musgosa, e consignei em minha carteira os apontamentos necessarios para a descripção que vamos fazendo, e que já parecerá por demais prolixa ao leitor, porém lhe faremos observar que, por mais que digamos, jámais conseguiremos apresentar-lhe um quadro fiel d'este sitio, e uma traducção das impressões que desperta; demais que tenho eu o nimio defeito de, em tomando a penna, perder-me logo no vasto campo do imaginar, e assim com frequencia lanço-me em reflexões, divagações, ou devaneios estranhos, que, sem que eu o presinta levão-me repetidas vezes bem longe do assumpto principal,

esquecendo d'este modo toda a unidade, e boa disposição litteraria, segundo os preceitos da arte, e deixando á benevolencia dos leitores o relevar taes distracções, que nunca posso evitar por mais que n'isso queira applicar a minha attenção e cuidado.

Quasi uma hora fazia que estavamos ali, no fundo d'aquelle lugar sombrio, e n'esse espaço talvez, sem que a muitos de entre nós occorresse um unico pensamento em apreciação do admiravel espectaculo que tinhamos em frente, e que tão fecundo em inspirações seria para uma alma poetica, religiosa e apaixonada; para alguns não passava até de uma cousa vulgar, sem valor, sem merecimento, e nem comprehendião as observações que eu fazia, e nem para que destino as notas que tomava, no emtanto que outros avaliavão dignamente aquella formosa producção, e, mais de uma vez, em sua admiração, apresentavão reflexões adequadas, cheias da verdade, mas as entremeavão de modo singular com ditos jocosos e facetos, que nos provocavão o riso e fazião animar aquelle recinto.

Tinhamos ainda que visitar a gruta das *dryades*, cuja boca divisavamos além, por entre as arvores e no meio do rochedo, e assim, deixando a cascata, tratemos de ganhar o alto das barrancas, para o lado do campo; e preferindo alguns os escalar, servindo-se das pedras como de degráos, e das ramas pendentes como de corrimãos, esquecendo toda eventualidade de perigo, começarão sua atrevida ascenção pelo lado do nascente.

No emtanto, eu, com o joven que desde principio tomára para meu *cicerone*, ou vaqueano, preferindo lugar menos ingreme, fômos para a direita, e, depois de um quarto de hora de caminho, em que trabalhosamente atravessamos um espesso *caraguatal*, cipós e espinhos, desembocamos no campo, ao norte, ao pé de um solitario pardieiro abandonado.

Sem determo-nos para tomar descanso seguimos ao longo do mato, uns 60 metros, penetramos outra vez n'elle para o sul, e agora descendo, caminhamos ao lado de uma eminencia por meio da qual corre o ribeirão da cascata, o qual transpuzemos, e finalmente depois de alguns minutos de marcha, nos achamos de repente juntos á extremidade oriental da entrada da gruta. Ao mesmo tempo os mais da companha, tendo conseguido sem incidente a sua escalada, começavão a surgir, como resuscitados do fundo do abysmo e por entre a folhagem que para elle pende, densa, e cheia d'esses filamentos capilares que vulgarmente chamamos *barbas de pau*, e de que tantas especies ha em nossas opulentas matas.

F. da Natividade Franco.

Itú, em Missões, Fevereiro de 1874.

O SOLITÁRIO DO MIRANTE

Era um anjo, meu Deus! triste e saudoso
Como um adeus do sol divino e bello,
Como uma prece em horas de repouso!
Deus lançára-lhe á fronte o vivo sello
Dos que suspirão pelo eterno goso
E sonhão brandos divinaes anhelos.
Seu sorriso era luz, sua voz um canto,
Seu peito a urna de um affecto santo.

C. Ferreira.

Bem me lembro: foi a vinte de Novembro.

Eu passára uma tarde attribulada, vendo como de improviso, uma das mais virentes flores das minhas crenças deixar cahir algumas petalas, ao sopro da fatalidade: o pallido anjo da noite desdobrára o azulado manto, innundado de diamantinas chispas dos diademas da virgem...

Era sempre a mesma idéa a torturar-me... previa que as vivas côres de um ridente quadro, traçado n'alma, hião desbotar-se aos estragos da tormenta: uma dôr infinda pesava-me sobre o peito, a fronte era abrazada por consumidora febre; a incerteza lacerava-me a vida, tornando-me quasi insensata... delirava n'uma vigilia horrivel!...

Só pelas tres horas da madrugada uma doce somnolencia veio vagarosa cerrar-me as palpebras, e sonhei.

. . . . . .

. . . . . .

Meu pai havia alugado uma casinha á beira do rio, onde tencionavamos passar o verão.

Já estavamos ahi a um mez, quando notei que o mirante de uma casa, que ficava á margem fronteira, era habitado por um

moço de luto, que costumava á tarde embarcar em uma canoinha e passar para o outro lado.

Desde a primeira vez que eu o tinha visto, logo consagrára-lhe a mais ardente sympathia : havia reparado que sua physionomia, mais que triste, era sombria : extrema pallidez cobria-lhe as morenas faces, os olhos de um castanho escuro, tinhão uma expressão, que em outro tempo revelaria vivacidade; porém hojo estavão morbidos, pisados e com as palpebras roxeadas; um imperceptivel sorriso ironico frisava-lhe os labios : usava os cabellos tão crescidos, que lhe cobrião o pescoço; sua estatura era mediana e o talhe franzino.

Parecia envolto em profunda tristeza.

Quantas vezes eu o vi á janella com a face pendida sobre a mão!

Essa sombria figura me fazia lembrar Hamlet, ou uma d'essas sombras, que apparecem nas lendas allemãs

Perguntei a varias pessoas, que ser mysterioso era aquelle, seu nome; porém ninguem o sabia, era conhecido pelo de — *solitario do mirante*. Eu cada vez scismava mais n'aquelle viver tão tristonho, tão despido de galas e divertimentos; que outros mancebos buscão afanosos e delirantes.

Afinal relacionei-me com uma moça chamada Graziela, que morava á pouca distancia de minha casa. Uma amizade fraternal nos foi ligando como se nos conhecêramos a longo tempo; passavamos as horas, abraçadas e conversando intimamente.

Ella contou-me o amor que nutria pelo bello solitario; as poucas crenças que alimentava, as trevas que offuscavão o seu céo de felicidade e o seu porvir tão despido de flores!

Era um viver árido e desalentado o da infeliz Graziela, que não tinha sequer um olhar, ou um sorriso, em troca do tanto amor!

* * *

Uma noite estavamos ambas á janella, ouvindo as harmonias, que partião de uma rabeca vibrada no mirante; a musica que nos embalava em sidereos sonhos, era uma melodia triste e bella, como seria outr'ora o soluçar do immortal instrumento de Paganini.

— Oh! como será nobre, sentimental e capaz de grandes sacrificios aquelle que tão bem sabe exprimir as dôres e as grandes agonias! me disse Graziela. E' que sua vida, tem sido uma pagina lúgubre tarjada de negro, onde ha strophes escriptas com fel.

Graziela promettera contar-me a historia do bello desconhecido.

Essa noite, sob a impressão d'essa musica divina, lembrei-lhe a sua promessa; a occasião era opportuna.

Graziela fez-me sentar a seu lado, e começou assim:

— Aquelle moço chama-se Mario; de sua infancia sei unicamente que aos cinco annos perdera esse anjo chamado mãi, que é enviado por Deos, para nos mostrar a senda da virtude.

Seu pai, terno e solicito, velou pelo joven, até a epocha, em que, declarada a guerra com o Paraguay, como dever de militar, teve de deixar o filho querido, para combater pela patria.

Ahi, na sempre lembrada batalha de 24 de Maio, esse bravo terminou sua existencia.

Então um bom amigo e padrinho do orphão, mandou-o estudar na academia de S. Paulo; e para que se não queixasse de faltas pecuniarias, dava-lhe uma mesada com que pudesse passar, sem depender de pessoa alguma.

Os tres primeiros annos de estudos, correrão entre flores; Mario passava uma vida deleitosa; a coroa do talento transluzia-lhe na pallida fronte, fazendo o distinguir de seus mais intelligentes collegas.

Esquivava-se elle aos divertimentos; fugia de tudo quanto era distracção, para dia e noite, entregar-se com ardor a seus estudos.

Assim vivia Mario, feliz, pois tinha o coração isento de amor, era livre; e dizia que jamais amaria, porque o verdadeiro amor quasi sempre nos torna victimas de provações amargas e dolorosos martyrios.

Uma noite em que Mario, encerrado em seu gabinete de estudo, empregava todas as suas idéas na leitura d'essa producção sublime o *Genio do christianismo*, leitura em que se embevecia muitas vezes, deixando após seu espirito divagar por mundos de idealismo, foi interrompido por um de seus lentes, que o veio buscar, para abrilhantar o saráo, que dava essa noite, para festejar o anniversario natalicio de sua filha Helena.

Mario agradeceu lhe tanta honra, promettendo mais tarde lá apparecer.

Emquanto se foi preparar, recordou-se de que já por varias vezes ouvira de alguns estudantes elogios á Helena; como a mais linda moça de S. Paulo; e talvez a mais instruida e intelligente: até um d'elles lhe havia recitado algumas poesias, dizendo-lhe que erão producções da bella joven

Pouco a pouco, estes pensamentos se forão apoderando de seu espirito, de modo que, quando sahio de casa, já phantasiava o anjo, que ia talvez prendel-o com seus attractivos. . . .

Quando o apresentarão á Helena, sentio que o coração palpitava-lhe descompassadamente; um sentimento inexplicavel dominava-lhe a alma; uma nuvem de felicidade turbára-lhe a vista; esteve a ponto de cahir de joelhos; mas estendeu a mão, e tocando nos setinosos dedos de Helena, lembrou se de que era esse um dos momentos, em que, como diz Victor Hugo: — *Qualquer que seja attitude do corpo, a alma está de joelhos.*

Mario, que até ali fôra livre como as aves do sertão, ou como o incenso que se perde na extensão dos ares, agora, sentia-se preso e talvez para sempre!...

Em poucos dias, grande metamorphose se operava em seu tranquillo viver; desvairado seguia a estrella radiante que o guiava a uma vereda juncada de rosas, ou talvez, quem sabe? coberta de urzes e cardos.

Mas elle amava verdadeiramente, e quando ha amor assim, nós illudimos a nós mesmos com encantadas esperanças de um futuro de rosas!

Collocára a imagem de Helena no altar de suas mais puras crenças; fizera da vida um thuribulo, cujo perfume ondeava continuamente em torno de sua amada...

Aqui, Graziela fizera uma pequena pausa, suspirando ternamente; e apertando-me as mãos, continuára assim:

« Do nome d'ella, Mario compozera um poema que lhe occupava a idéa constantemente: Helena sentira-se da mesma maneira impressionada por amor d'elle: ambos inspirados pela luz do talento, comprehendião-se como duas creaturas divinas.

Assim passarão dois annos; de dia para dia mais se ateava o fogo d'esse amor; Mario resolveu pedir a mão de Helena; porém só lhe foi concedida para depois que completasse os seus estudos: faltavão ainda dois annos, que elles encararão como dois seculos; mas tinhão esperanças na felicidade futura.

Considera, minha amiga, que torturas não soffrerião elles vendo passarem-se dias após dias em esperanças de almejada ventura, a longo tempo sonhada! O meu amor, murmurou Graziela, soluçando, será tambem um martyrio como esse.

Mas, continuou ella, a fatalidade veio sombrear a felicidade do pobre Mario.

Estava elle no quinto anno, quando terrivel epidemia que então reinava, arrastando comsigo centenares de victimas, veio ferir de morte a desditosa Helena.

Os medicos mais habeis forão chamados, porém a sciencia foi inutil; á terceira noite de soffrimentos, essa perola, que rolára do seio de Deos, e viera por pouco tempo abrilhantar a terra; esse anjo, bateu as candidas azas e subio em um raio de luz para a sua patria celestial.

Mario até essa hora extrema estivera sempre de joelhos junto á cabeceira da pobre moça, procurando animal-a, fallando-lhe do porvir que os esperava; porém ella com as faces banhadas de lagrimas, olhava-o tristemente, e recordava-se do passado, dizendo-lhe:

« — Mario, quando pensei que tão cedo te iria deixar! Porque havia na nossa aurora de venturas surgir o espectro da morte estendendo sobre mim a sua mortalha de gelo? Quanto é doloroso morrer na quadra feliz em que cingimos as vestes de noivado; quando temos na fronte a capella de flores de laranja!

E' bem triste; mas Deos assim o quer.

Recebe esta rosa que murchou-se no meu seio: foi a tua primeira dadiva de amor... Lembro-me ainda... foi em uma sala de baile... aos sons de uma orchestra divina. Hoje, ao desprender o derradeiro suspiro, eu t'a restituo; guarda-a: e adeus, Mario! adeus! em nome do nosso amor nunca te esqueças de mim! »

Mario estendeu a mão para receber a rosa, porém soltou um grito, cahindo nos braços do pai de Helena: os dedos que ella havia tocado, estavão gelados.

O triste pai e o desditoso amante, n'esse amplexo doloroso, ficarão longas horas entregues a uma atonia, que semelhava a morte.

Depois do enterro de Helena, encerrou-se Mario n'um quarto e ahi conservou-se até o setimo dia, em que, vestindo o luto, que envolvia todo o seu ser, foi ao templo orar pelo repouso de sua infeliz noiva.

Aquelles que ahi se achavão, notarão a grande mudança, que se tinha operado n'esse mancebo, no encovado das faces, na morbidez dos olhos, no ar taciturno e merencorio traduzião se as dôres que martyrisavão esse coração, tão novel ainda, e já morto para as alegrias da mocidade!

Após a missa foi Mario despedir-se das pessoas que lhe erão mais caras; d'ahi foi ao cemiterio orar junto á sepultura de Helena, e jurar-lhe eterna fidelidade.

No dia seguinte embarcou para o sul. Chegou ha um anno, alugou aquelle mirante, e ali tem vivido, n'essa solidão, que se casa com a de sua alma!...

* * *

« O que te acabo de contar, soube-o por uma carta de um primo meu, que era estudante e amigo de Mario; como soubesse

da sympathia que eu consagrava ao bello solitario contou-me, tudo quanto sabia de sua vida.

Eis ahi porque tantas vezes choro na solidão em que tantas vezes me tens encontrado.

Segundo me consta, os medicos dão a Mario bem limitada existencia.

Quantas noites não passo eu em crueis vigilias, ouvindo os melancolicos harpejos de sua rabeca! Essa doce musica, só é comparavel á de Hoffmann, quando acompanhava o canto divino de sua Antonia! E eu ouvindo-o, tresvario de amor; muitas vezes caio de joelhos, invocando seu nome: mas tudo é em vão, elle não me ouve; e se me ouvisse talvez fosse indifferente á minha dôr...

Adeus, minha amiga, é tarde; longa vai a noite, adeus!...

* * *

Fui deitar-me, mas não pude conciliar o somno; aquella singular historia fizera-me forte impressão.

Passei toda a noite em meditações, e logo que amanheceu, levantei-me, não podendo mais supportar as idéas funestas, que se me encadeavão na mente. Mal levantei-me, fui saudar ás minhas flores, da janella que dá para o jardim.

Perto conversavão dois moços; ouvi o que dizião: « O poeta que habitava aquelle mirante expirou esta noite: foi uma syncope tal, que quando chegarão para soccorrel-o já não existia.

E' mais um martyr de amor. Até os seus ultimos momentos foi sempre constante á lembrança de sua noiva!

A dadiva que ella lhe fez ao morrer guarda a elle, apertada contra o coração.

— Não reparei, disse um terceiro moço, que se havia reunido ao grupo.

Pois não viste? é uma rosa secca, em cujas folhas consegui ler esta estrophe:

Adeus, ó rosa, desbotada e secca,
Que tantas vezes a chorar beijei;
Adeus p'ra sempre, minha flor dilecta,
Santa reliquia, que em delirio amei!

. . . . . .

Aqui finalmente acordei: era já bem tarde, mas mesmo assim, senti não ver qual o fim da minha pobre Graziela.

Revocata Heloisa de Mello.

Rio Grande — 1873.

O LEQUE DE MARFIM

Á JOAQUIM A. VASQUES

XI

ENYGMA DECIFRADO

Depois do jantar voltarão todos para a sala.

E sempre a reserva e a esquivança entre aquelles dois corações que se amavão immensamente, mas que concentravão todas as suas espansões esmagadas polo gelo da duvida ou d'um capricho.

Só quem tornava alegre aquella reunião intima era o Aparicio. Se não fosse elle mudos e tristes se conservarião todos no dia dos annos de Alzira, n'esse dia em que se ennastrava mais uma flor a sua grinalda de moça!

Que anniversario mais triste! Tinha a seu lado o objecto mais caro de suas affeições, o idolo de sua alma, porém antes não o tivesse. Nem uma palavra de amor, nem uma palavra de esperança ella escutára, desde que o tinha perto de si! e a pobre moça cada vez o amando mais com todo o devotamento de um amor puro e casto.

E assim retrahidos estiverão até o cahir da tarde aquellas duas almas apaixonadas.

Mas quando o toque das trindades triste e melancolico se derramou nos espaços, e as primeiras sombras do anoitecer espalharão um doce crepusculo no recinto da sala, Alzira arrebatada pela

tristeza d'aquelle momento e pela dôr que a magoava foi pedir consolo ás vozes de seu piano

O Dr. Alfredo sentou-se ao lado do piano triste e pensativo, sem dizer-lhe uma só palavra.

Quando o instrumento emmudeceu, Alfredo fitou a pobre moça, e vio que ella enxugava occultamente uma lagrima.

— Porque chora?

— Enganou-se Sr. Alfredo, eu não chorava...

— Mas essa lagrima que brilha em sua face?...

— Lembrava-me de meu irmão...

— Seu irmão?...

— Sim... Morreu na guerra do Paraguay.

— Não sabia...

— Lembra-se do leque de marfim?...

— Do baile?!...

— Foi uma recordação que elle me deixou quando partio....

— Foi dado então por seu irmão... Não sabia...

— Era por isso que fiz tanto empenho por achal-o...

— E eu como fui injusto para com a senhora.

— Como?

— Julguei fosse uma recordação de amor...

— E sentiria se fosse?...

— O' immensamente... Não calcula quanto tenho soffrido por causa d'esse leque!...

— Ciumes?...

— Diga antes egoismo...

N'este momento o Aparicio approximou-se do piano interrompendo assim a conversação animada d'aquellas duas almas tão desejosas de se ouvirem

XII

AS SCENAS PRECIPITÃO-SE

Vinte dias depois realizou-se o casamento do Dr. Alfredo e Alzira.

O velho Soares oppoz-se tenazmente; porém mais tenaz foi ainda a resolução de seu filho.

Todo o desejo do velho era que elle se formasse primeiro para depois se casar; mas o moço não quiz e nem podia condescender com seu pai n'este ponto.

De que lhe serviria o pergaminho?

Ambos ricos e amando-se em delirio que mais ambições poderião ter?!...

E depois... o moço podia estudar tudo, menos contemplar com bons olhos as aridas e seccas formulas das mathematicas.

Se outr'ora elle aborrecia os algarismos, quanto mais agora que seu espirito vivia sob a doce athmosphera do amor e da ternura.

Por isso todo o esforço e raciocinio do velho não pode embaraçar a nobre resolução de seu filho. Sua mãi tambem quiz evitar este enlace, mas foi tudo em vão; foi tempo perdido.

D. Pulcheria ficou doente, quando o filho communicou-lhe o passo que ia dar; esteve 10 dias de cama, não quiz comer, não dormio, mas afinal não teve remedio senão annuir aos desejos do rapaz.

O velho tornou-se macambuzio, frenetico e criminava a sua mulher por haver instado para que o filho viesse gosar as ferias em sua companhia.

Mas tudo foi baldado e o casamento realizou-se com alegria geral de todos.

O Aparicio andava satisfeito como se fosse o noivo.

Em toda a parte, não fallava senão no casamento de seu amigo Alfredo e contava todos os episodios d'esse enlace, para o qual elle havia tambem concorrido.

O leitor já deverá ter comprehendido que o encarregado dos doces, dos carros e papeis do bispado foi o Aparicio, onde poz á prova seu tino e bom gosto.

Nada pois faltou para que a festa estivesse esplendida.

Mas no meio d'aquella alegria que reinava ali, a D. Pulcheria e seu marido choravão interiormente, maldizendo o momento em que mandarão vir o filho da côrte.

Porem agora não havia remedio senão resignarem-se.

E foi o que elles fizerão.

XIII

CONCLUSÃO

São passados tres annos.

O Dr. Alfredo e sua mulher vivem hoje em Petropolis.

Passearão pela França e a Italia e finalmente vierão residir n'esta graciosa cidade.

Morão n'uma encantadora quinta. E' um paraiso que encon-

trarão sobre a terra. Ali tudo respira amor e doçura; nenhum desgosto, nenhuma magoa toldou ainda o céo sereno d'aquelle lar domestico.

Para coroar a felicidade que elles ali gozão, Deus depositou no regaço de Alzira, uma loura creança, linda como os anjos.

A' tarde quem passeiar pela quinta do Dr. Alfredo terá inveja da ventura e felicidade que gosa aquella terna familia.

Vivem inteiramente para o lar, esse oásis encantado, onde a creatura nas horas de amargura, nos momentos afflictivos vai buscar o alivio, o consolo e a resignação.

Se ha na terra verdadeira felicidade, elles desfructão-n'a n'aquelle sitio ameno onde o rumor da cidade lá não penetra, porque o gemer dos arvoredos abafa-o e extingue.

O' abençoados sitios! Deus depositou a ventura do mundo na tua solidão, no teu dezerto.

ACHYLLES P. Á.

Porto Alegre — 1874.

GABILA

CANTO I

A LIBERDADE

I

Eis a roça. A maniva gréla e punge
Nos camalhões em renque. O sol da America
Surgindo d'entre lindas, rozeas nuvens,
Fulge nos brótos ao nascer doirados.
Os escravos ali, de enxada em punho,
Trabalhão, e ao vaivem certo e incessante
Dos afiados ferros, em compasso,
Desprendem a monótona cantiga
Que a patria longe evoca, alem dos mares.
As tristes vozes na floresta em torno,
Onde livre resplende a natureza,
Onde tudo se curva a Deos sómente,
Echoão como satanica risada,
Como vivo sarcasmo que deshonra
O pavilhão d'um povo. Cantem, miseros;
Cantem, isto consola ao peito afflicto.
No cruento rigor do captiveiro
E' traduzir em vibrações solemnes
A saudade que a alma dilacera
Cantem, porém trabalhem sem descanso,
Que, fero o cenho, o capataz vigila.

Um crioulo, Gabila era seu nome,
Entre os filhos das plagas africanas,
Não os seguia na pocêma em rhythmo.
Airoso na figura, bello o rosto,
Brazileiro no gesto, nos lampejos
Que dos olhos jorrava, como as aguas
Que a pororoca eleva em cordilheiras
E arremessa d'encontro ao mar iroso;
Brazileiro no ardente enthusiasmo
Que lhe fervia n'alma em catadupas,
Ao perpassar de aspirações e sonhos,
Como o ipé robustos, arrojados

Como o vôo do condor — além das nuvens!

Mas em algemas preso, sem vontade,
Mas brazileiro escravo, infame androido!
Herança de ignominia em nossa historia!

Só elle, emmudecido entre os parceiros,
Talvez mondando a terra ao braço firme,
Ao tempo que mondasse em pensamento
A sociedade injusta que o retinha!

De tudo desvivendo, só e triste,
Nem mesmo no alaúde do infortunio
Por seu paiz distante lhe era dado
Cadenciar as magoas indiziveis!...
Não tinha patria o filho d'esta terra,
— Santo berço que embala a liberdade!
Seguro ancoradouro á nave immensa
Que os proscriptos nos traz de tantos mundos!

II

O sol era no pino, ardia a terra,
Aos borbotões do céo a luz tombava,
Em petalas de talco.
Só a intervallos o subtil offêgo
De doces brizas arrufava a rama
Do campezino palco.

E quando o sol se apruma, narcotiza!
Mil rútilos esparge inebriantes
No vargedo e na vaga.
O coqueiro retorce a fronde esbelta,
E o mar que o collo ergula acceso em furia
Adormece na plaga.

Apenas a cigarra em seus delirios
Garrula do verão a cançoneta,
A doida cavatina;
E o riacho a dormir resomna leve
Em harpejos que embalão docemente
Os serros e a campina.

Que effluvios fascinantes! Que languores!
Que indolencia a vergar o exhausto corpo
Nas lidas do trabalho!
Como tudo no campo inclina ao somno,
Quando se auzentão as fagueiras sombras
Té de frondozo galho!

A natureza em si se reconcentra,
Emmudece, sorrindo cerra os cilios,
E dorme sem receios.
N'essa hora quem do ritual se affasta?
Na zona ardente quem não sente á sésta.
Pender a fronte aos seios?

Os pobres negros, de suór cubertos,
Na terra ingrata de forçado exilio,
No chão de tanto espinho,
Tambem depõem as armas da lavoura,
Bemditas armas, se elles fossem livres
Em céos do patrio ninho!

Vão todos juntos ás cerças que contornão
As roças da fazenda, junto ás sangas
Onde perfila o mato,
Onde ás vezes no fundo se desliza
Harmonisando os ares nos murmurios
Preguiçoso regato.

Tudo ao calor cedeu, menos Gabila!
Pois mais forte que o clima em si trazia
O vulcão d'uma ideia;
Ixion preso á roda do supplicio
Velava sempre, sempre sacudindo
Os anneis da cadeia.

Em densa reboleira, que formava
O taquaral em baldaquins espessos,
Foi elle reclinar-se;
Não dormio, que não dorme quem medita,
Quem o espirito arroja á ethereos mundos
A' luz a espanejar-se!

Continúa.

IRIEMA.

OS BOHEMIOS

Sorciers, bateleurs ou filous,
Reste immonde
D'un ancien monde,
Gais Bohémiens, d'où venez-vous !
BÉRANGER. — « Chansons »,

Bohemios ! acaso vós sois descendentes
Das raças malditas que a Biblia nos diz ?
Dizei, feiticeiros, truões e gatunos !
D'onde é que hoje vindes ? qual vosso paiz ?

D'onde vimos ? não sabemos !
Perguntai ás andorinhas...
São errantes quaes nós somos,
Não têm patria as pobresinhas...
Nossa patria, nossos lares,
Perguntai ás andorinhas !

Nós vivemos como as aves,
Sem paiz, sem rei, sem leis ;
Mas fruimos liberdade
Que vós nunca encontrareis.
Somos todos bem felizes
Sem paiz, sem rei, sem leis !

Igreja não temos que a fronte nos banhe
Nas aguas sagradas do vosso Jordão ;
Os nossos filhinhos só têm por baptismo
Os beijos maternos e alegre canção !

Vagamos assim dispersos
Por este mundo de Deos !
Assim tambem no deserto
Vagavão pobres judeos !
Mas nós temos liberdade
Por este mundo de Deos !

Somos todos adivinhos,
Predizemos o futuro,
Sabemos todas as sinas

Do rude povo obscuro;
Para o bem das nossas bolsas
Predizemos o futuro!

Se o deos das riquezas não quer proteger-nos,
Não quer inundar-nos com aureos clarões,
Jamais succumbimos na feia miseria!
Sejamos falsarios (embora!) e ladrões!

Se as cidades nos expulsão,
Vamos nos bosques viver;
Sempre Deos se compadece
Do nosso triste soffrer,
Dá-nos fructos, e contentes
Vamos nos bosques viver!

Ver é ter! corramos sempre!
E' tão doce a vida errante!
Ver cidades todas lindas...
Sem parar um só instante!
Ver paysagens magestosas...
E' tão doce a vida errante!

Se um filho nos nasce, dizemos sorrindo:
« Bom dia, meu filho, bem vindo p'ra os teus! »
Se acaso nos morre, semblantes alegres
A mão lhe apertamos dizendo-lhe: « adeus! »

E vendemos o seu corpo
A qualquer cirurgião.
A alma dorme tranquilla
Na sempiterna mansão.
O corpo é morto. O vendemos
A qualquer cirurgião!

Não temos berço, nem tecto,
Nem uma campa tambem!...
Morremos em qualquer parte,
Sem ter prantos de ninguem!
Não temos na terra abrigo...
Nem uma campa tambem!...

Nós somos Bohemios! mas não descendentes

Das raças malditas que a Biblia vos diz!
Nós somos os membros dispersos de um povo
Que é livre, e por isso que é livre, é feliz!

DAMASCENO VIEIRA.

PORTO ALEGRE, 15 de Agosto de 1874.

BORBOLETA

Eu sei creança que um amor te leva
Longe bem longe dos vergeis do sul
Vai!...esvoaça n'esses novos climas,
Mas não te esqueças do teu céo azul.

Oh! não te esqueças do gentil Guahyba
Das noites bellas do saudoso Abril,
Dessas coxilhas que a esmeralda cobre
Do sol brilhante d'este céo d'anil.

Tem mais encantos o viver da côrte
A vida goza mais prazer ali,
Nas doudas festas tudo lá se esquece...
Mas não te esqueças do teu céo turqui.

Vai, borboleta de ceruleas azas,
Tisna no fogo teu nitente alvor;
Mas ai! não chores o que aqui deixaste
Sob esta cup'la d'anilada côr.

O amor te leva, mas um outro deixas
Immenso e nobre, como tu não crês!
Cresceu e vive na mudez, creança,
E no silencio, morrerá talvez.

Tudo abandonas, affeições bem santas,
As varzeas lindas, este céo d'amor,
O teu Riacho a suspirar baixinho
Nas noites calmas de celeste alvor.

Mas eu te peço, borboleta varia
Que não te esqueças dos vergeis do sul;
Nas rezas tuas ao cahir da tarde
Chora, suspira por teu céo azul.

ACHYLLES PORTO ALEGRE.

CHRONICA

Sarão. — O limitado espaço que temos para este trabalho, nos inhibe de tratar, como desejavamos, do triumpho oratorio alcançado pelo illustre publicista o Sr. Francisco Cunha, no ultimo sarão do *Parthenon*. O que é certo, é que a noite de 29 de Agosto, marcou uma data gloriosa nos fastos do *Parthenon* e o Sr. Francisco Cunha engastou mais uma perola na sua corôa de tribuno e litterato.

Os vastos conhecimentos que patenteou o orador na sua brilhante these, são uma prova de suas idéas avançadas, que na imprensa tantas vezes tem defendido com nobre coragem. Saudamol-o, portanto, pelo novo triumpho.

O sarão foi ainda abrilhantado com o concurso de D. Florisbella Leite de Castro que recitou uma bellissima poesia do saudoso Felix da Cunha, com gosto e sentimento

A parte lyrica coube ás Exmas. Sras. DD. Maria Manoela Maciel e Patricia Vieira Lima, que como sempre forão applaudidas, com verdadeiro enthusiasmo.

A parte musical foi brilhante; basta dizer que prenderão a attenção do auditorio as Exmas. Sras DD. Lidia de Aguiar, Celeste de Castro, Maria José Coelho e o nosso amigo João Baptista de Carvalho.

Incumbirão-se da parte litteraria os socios José de Sá Brito, Horacio Maisonette e Mucio Teixeira.

Bromelias. — Sahio das officinas da *Imprensa Litteraria*, um volume de poesias do incansavel litterato e nosso amigo Appollinario Porto Alegre. Para outra occasião nos occuparemos d'este livro, que tantos applausos tem conquistado. Se ao distincto litterato temos motivos para felicital-o, mais uma vez; manda a justiça que não passemos em silencio o trabalho typographico, que é incontestavelmente o mais nitido que se tem feito na provincia.

A. S.